

| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



NÚMERO
ESPECIAL

LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 11 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johonny

Revisão

Eld Johonny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Capa

Eld Johonny

Desenho capa e ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.11, v. 1, 2014 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

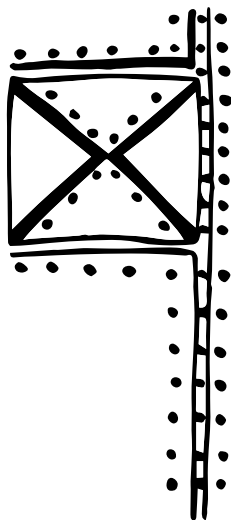
1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (www.leetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÀ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.



Temática indígena: uma sequência didática

João Paulo Ribeiro
Antonio F. Neto
Renato da S. Fonseca
Lucas Ciola
Camila Gervaz

Para se pensar a Temática Indígena

ÀS PROFESSORAS E PROFESSORES

É com alegria que iniciamos o desenvolvimento de uma proposta para o educador pensar uma sequência didática tendo a temática indígena como vértice. Realmente, pensar o assunto suscita uma prática que vai além dos muros da escola. No entanto, é através da escola, pela escola e por causa da escola que saiu esta construção. Até que ponto há muros na escola?

Os maiores muros na escola são os ideológicos. A temática indígena é ótima para pensar estas coisas. Assim, é um privilégio para nós aprendermos juntos com vocês. É da mesma maneira que devemos agir em contato com as criações indígenas em suas diferentes instâncias. Podemos pensar a maneira indígena? Que seja para criativizar a nossa vida.

Esta “Temática Indígena nas Escolas: uma sequência didática” pensa a construção de materiais didáticos. Crê nas forças criativas do indivíduo como indícios da própria vida. É uma sequência didática que cria outras sequências didáticas. Os alunos são os responsáveis pela pesquisa. Não uma pesquisa dissociada de produção de materiais didáticos. Sendo o professor um aluno, o aluno é um professor. A produção de materiais cria um porquê à pesquisa “escolar”. Um gênero do discurso legível e legítimo como qualquer outro. No entanto, para além dos muros invisíveis da escola. Para uma universidade do século XXI. Para uma sociedade viva.

Esperamos que neste trabalho possamos iniciar a construção de materiais didáticos. Pensamos mesmo em construir um livro com as produções dos professores, e que os professores construam livros com seus alunos. Há um limiar entre professores e alunos?

A prática de técnica de deslocamento é nosso instrumento de alteridade. Olhar com os olhos do outro. Quebrar estas barreiras. Pensar mesmo onde estão estes muros. Se é que ainda “estão” ou mesmo existiram.

Os educadores e as educadoras têm em mãos uma proposta de curso sobre a temática indígena. Seguem textos que apontam um viés sobre o assunto. Logo após, teremos um texto de sequência didática para implementar conjuntamente aos professores. Vamos construir nossos materiais didáticos? Poderiam nossos alunos do Fundamental e Ensino Médio também serem construtores destes materiais? Esta é a ideia.

Temática Indígena: Uma sequência didática

Qual é o pressuposto explícito existente na definição de se levar a temática indígena para as escolas? Estes objetivos os quais tem em mente o pesquisador ao criar uma sequência didática sobre um tema “temática indígena”, devem estar em consonância com a atmosfera pensante criada pelo contato com o assunto. Olhar distanciado para uma aceitação da alteridade em um espaço democrático não vem a ser, realmente, este impacto daqueles que estudam as populações indígenas. Emergir no conhecimento é o modo como entraremos neste processo de nos conhecermos. Em uma técnica de deslocamento será possível um olhar aproximado ao nosso entorno: A escola como espaço privilegiado. Uma sequência didática de temática indígena não pode estar somente nos livros. Uma sequência didática que pretende fazer estes livros mesmos. Uma escola que é uma própria sequência didática.

A temática indígena nas escolas:

Uma proposta pedagógica

Como seriam possíveis práticas pedagógicas que possam satisfazer as necessidades básicas de educação do povo brasileiro?

Reverter a imagem preconceituosa e equivocada ainda existente sobre as sociedades indígenas é necessário. No entanto, qual a postura pedagógica diante da temática indígena na escola?

Pensar-se-á a população brasileira como segmentada pelo etnocídio. A totalidade da nação brasileira em formação é moldada pelo processo de totalização. Fenômeno ao qual estamos em molde e ação. No entanto, a “boca de mil dentes” vem a ser um processo criativo.

Uma reprodução diferenciada pela quebra de paradigmas é o convívio com a diferença. O respeito ao “outro” passa pelo conhecimento de nós mesmos. Para sonhar um Brasil, primeiramente, teremos que nos encontrar em nós. A categoria brasileiro é bom para pensar. Nós somos o “outro”.

A educação para o respeito à diversidade sociocultural é um dos produtos resultantes do trabalhar a questão. Produto que não é a finalidade. A essência está na “própria arte de captar um sentido jamais objetivado até então é torná-lo acessível a todos os que falam a mesma língua”(Merleau-Ponty).

Assim, a temática indígena é bom para se pensar (e sempre o foi). Trabalhem as ferramentas intelectuais para o presente. As possibilidades de convívio na multiplicidade passam pela multiplicação do “ego”.

O “eu” é instalado no evento, onde é real e se encontra. A sequência didática “Temática Indígena e Sustentabilidade” não rompe com a tradição. Sim, nós temos uma tradição! A escola é o espaço dentro da comunidade. Espaço socializante e sociológico.

Dentro da perspectiva prática e construtora de conhecimentos tomemos cuidado para que a temática indígena não seja um tema a mais entre outros. A diluição nas gavetas das disciplinas escolares é uma outra proposta. Desconsiderar as disciplinas escolares, também, seria romper com a tradição. A análise científica é um pensamento selvagem. As disciplinas científicas na escola são ferramentas intelectuais para o tratamento da temática indígena em um viés “antropofágico”. E não é isto o pensamento ocidental: um comedor de culturas. Vamos praticar o etnocídio as avessas. Morreremos nós para nos encontrarmos com nós mesmos em um espaço e tempo presente. Usaremos a temática indígena para construí-lo.

História, Linguística, Línguas Indígenas, Toponímia, Etnobotânica, Geografia, Etnologia, Antropologia, Sociologia, Filosofia são ferramentas para a abordagem da temática indígena. Que o professor possa ficar a vontade neste diálogo entre didática e currículo.

Que se desenvolva neste processo posições determinadas. No ensino espera-se que o aluno domine o fazer da pesquisa. As atividades propostas criam oportunidades de coleta de material no entorno. Didática operacional à escola. Sociologia *in vivo* e consciente que desperta um funcionalismo à escola. Um educando apto nas ferramentas técnicas, nos procedimentos metodológicos. Capacidades desenvolvidas em uma teoria vivida pela percepção do espaço real e virtual. Um aluno que construa o conhecimento.

Este projeto pedagógico “Temática Indígena e Sustentabilidade” traduzido nesta sequência didática almeja muito. Prepotência? Não. É estratégia? Talvez. Assim que ela é. Proposta didática e curricular. Isto que dá pensar a temática indígena para as escolas. Espera-se que você, educador, se contagie.

Temática Indígena nas escolas – O desenvolvimento sustentável é o aluno!

Dada a ausência de subsídio didático para o ensino da temática indígena, avisamos o querido educador sobre o que nós pretendemos. O docente deve se posicionar como pesquisador. Para auxiliar o docente com propostas concretas, vamos atrás de materiais arqueológicos. Para cada realidade, cidade ou bairro, materiais

tátil-visuais serão coletados pelo educador e pelo educando. Conforme a sequência for se desenrolando você entenderá a brincadeira.

Desenvolvimento sustentável é um dos objetivos para a aplicação dos conhecimentos. Na verdade, o desenvolvimento sustentável é o aluno (e o professor) que caminha para a descoberta e reflexão através de sua capacidade de pensar. As leituras produzem raciocínio sobre as fontes de informações sugeridas, descompactadas e compactadas. O letramento é multissemiótico. O letramento é multissemiótico não somente neste século XXI.

A Natureza é um templo de vivos pilares/Deixam escapar às vezes, confusas palavras;/O homem ali passa por entre florestas de símbolos/Que o observam com olhares familiares (BAUDELAIRE, Charles. Correspondências. In Flores do Mal, 1857)

Eis o letramento. O pensamento analítico, universal humano. Ele opera no deciframento da natureza. No entanto, a leitura do mundo está em função da técnica. Sistemas de ações estimuladas pelos sistemas de objetos. Entre a noção de espaço e tempo, está a técnica. A referência ao elemento técnico é histórica. Este functivo que opera na reprodução. No vocabulário da Economia Política: modo de produção e relações sociais. Buscar uma saída? Operemos a temática indígena como uma realidade filosófica. Partiremos de conhecimentos advindos de leituras etnológicas, do ensino de línguas indígenas como planejamento linguístico no Brasil, da toponímia aplicada a uma Geografia humanizada, da etnobotânica às hortas nas escolas.

A toponímia na escola: Para um deslumbramento do nome

A Toponímia é a principal disciplina da Ciência dos nomes, a Onomástica. Essa, por sua vez estuda os nomes pessoais (Antroponímia) e os nomes de lugares (Toponímia). O lugar e o tempo são materiais imprescindíveis ao ser no mundo. A relação com o signo linguístico do lugar e seu recorte demonstram o envolvimento que o grupo mantém com o espaço onde vive. Esta integração é política.

Um redescobrir-se com o topônimo pode promover um atuar diferenciado do indivíduo com o lugar onde vive. E não só. Uma reflexão bem direcionada no estudo Onomástico em sala de aula caminha de encontro à aquisição de conhecimentos linguísticos, no momento em que o adentrar intralinguístico e extralinguístico no signo

é proporcionado. As justificativas da escolha desta disciplina podem ser várias.

A Toponímia é um assunto interdisciplinar por excelência. Vamos levá-la à escola! A escola que não deve ser considerada como um espaço de transmissão de conhecimento. Aplicá-la de maneira que o aluno tenha o prazer de descobrir um mundo novo é um ótimo objetivo. Mundo este adormecido em palavras “nomes de lugares”. Palavras que passam despercebidas assim como o “estar” no lugar.

O que aqui pretendemos é uma breve reflexão para que se pense a toponímia na escola. O envolvimento em torno do signo toponímico pelo aluno, possibilitará, acreditamos, uma construção e reconstrução do simbólico. A revitalização da relação humana com o ambiente, com a natureza é imprescindível neste momento da história. Dentro deste ideal, apresentar-se-á uma reflexão em torno da questão a fim de sugerir ao leitor a importância do assunto. Procurar-se-á contribuir, também, para a construção de uma Toponímia Aplicada.

O Homem é o refletir de seu mundo simbólico. Como ele está doutor?

O que é o homem? É uma resposta complexa. Ernest Cassirer (1979) critica aqueles que definem o homem como um ser inteligente por excelência. Há somente, de acordo com o autor, em diferenciação aos outros seres, uma questão da maneira distintiva do homem adaptar-se ao seu meio. Algo que podemos chamar de sistema simbólico. A recepção e ação efetuam-se em diálogo e por este sistema. O homem conversa com esta nova dimensão da realidade: processo complexo de reação aos estímulos ambientais. Não são as coisas que perturbam ao homem, mas “suas opiniões y figurações sobre as coisas”. E conclui “(...) em lugar de definir o homem como animal racional, o definiremos como um animal simbólico”(p.50). Seguiremos este pressuposto.

Se o homem é produto, entre outros fenômenos, deste mundo simbólico, então a análise de sua posição histórica na construção deste sistema herdado é um dos elementos para se entender os mecanismos do atuar do indivíduo em seu meio físico e cultural. Analisar sua relação com o Topônimo é um dos instrumentos de verificação do estado de saúde do homem, deste com seu mundo e deste com si próprio.

O espaço escolar torna-se um local propício para estes fins. As atividades pedagógicas devem caminhar na direção de construir junto ao aluno um redescobrimto do “local”, suas cores, cheiros, dimensões, sua percepção poética.

Da humanização do espaço à desumanização do homem.

O ambiente influencia na vontade humana enquanto forças sociais atuantes neste espaço. O mundo simbólico é uma construção social. A influência ambiental sobre o homem é o reflexo da visão do mundo que o grupo traz sobre o mesmo ambiente. Não são os aspectos naturais puramente que a língua traz, mas os traços ambientais na linguagem. É a língua um sistema de símbolos que faz referência a este mundo físico somente existente enquanto recorte cultural que cada povo faz daquele mesmo estar no mundo.

O povo Inuit, (conhecidos como esquimós) por exemplo, habituado a vida na neve, nomeia diferentes aspectos desta porque isso é necessário à sua vivência. Um povo que vive na cidade no contato com uma floresta pode não diferenciar as ervas do entorno, o que, já para um povo acostumado neste habitat a leitura é outra. Isto é refletido no léxico. Pode-se repensar o conceito mesmo em casos individuais. Objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra. O significado das grandes pirâmides para os antigos certamente não é o mesmo para os do presente.

Milton Santos, acerca das categorias para o estudo do objeto geográfico considera o espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os “fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar; fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar” (2002:61-2). Em sua obra “A Natureza do Espaço” (2002), a ideia de que os sistemas de objetos e sistemas de ações se interagem, permeiam a própria abordagem do campo de estudo da Geografia. Os sistemas de objetos condicionam a forma com que se dão as ações. Este também determina as formas dos objetos. Sendo, então, a construção do espaço social, do local onde se vive, reflexo das formas produtivas e das relações sociais.

Como se dá a percepção de um cidadão comum entorno deste espaço em construção? São lugares que fazem parte, principalmente, de seu cotidiano. O meio é construído socialmente com a finalidade de reproduzir uma relação de ações que articulam-se com os fatores das relações sociais. E não podemos esquecer que a humanização do espaço é produto e objeto das próprias realizações da vida, seus desejos, necessidades, visões pessoais e coletivas.

E voltemos com palavras de Milton Santos acerca do sentimento desta vivência: “O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoados por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e seus habitantes” (id., p.63).

Agora, pensemos no seguinte. Se entre reciprocidade espaço e ação, o sentido que se tece é desumanizado, e sabendo que, por outro lado, a dicotomia relação

social/processo produtivo estabelece este padrão, então o mesmo dar-se-á com a língua. Que conclusões podemos tirar sobre o tratamento dos Topônimos por uma comunidade?

A Toponímia: de signo motivado à desmotivação total

Signos específicos de um sistema complexo, os nomes dos lugares podem evidenciar a psicologia coletiva do grupo nomeador, sua história, sua economia, necessidades. É uma porta para a visão de mundo de um povo.

Os signos de uma língua são arbitrários. Este é o primeiro princípio sobre a natureza do signo linguístico, ensina o clássico da linguística Saussure (1969). Os nomes não se ligam às “coisas”, simplesmente. Não se pode levar em conta apenas que é um produto da fala que representa o objeto nomeado. Há na psique a associação da imagem imprimida com a imagem acústica. É a impressão psíquica deste som, sendo que esta imagem é sensorial. Chama-se o primeiro significante e ao segundo- significado. Pois bem, o laço que os une é arbitrário. Não há relação aparente nenhuma entre as sequências sonoras formadoras do significante que, no mundo “real”, lembrem ou fazem referência a sua “forma” ou “caracteres”. Por isso, afirma-se que o significante é imotivado.

E no signo toponímico? Há uma diferença no signo toponímico. Ele é motivado. Qual o significado desta motivação? O sistema linguístico é usado na codificação do “espaço físico”. A este é dado um “nome” de acordo com a maneira que esta realidade é vista e sentida. São os motivos que levaram a nomeação da entidade geográfica (Carvalhinhos, 2011).

No entanto, as características de vivência urbana, principalmente nas metrópoles, estão cada vez mais artificiais. E é isto que queremos salientar aqui. Nesta vida agitada e tensa, altamente semiotizada, a atuação em torno do signo toponímico deve ser baixa. A espontaneidade na nomeação de um “espaço” era um pressuposto para a criatividade popular na construção de seu próprio “estar” no ambiente. Um grupo que mantém uma relação de afeto e cumprimento das necessidades, obviamente, nomea-lo-á.

Uma realidade: Rios, ribeirões, córregos, montes, serras, montanha, campo, lago, bica d’água, quando ainda persistem nesta artificialidade do meio urbano, estão abandonados enquanto signo toponímico também. É comum o uso dos cursos d’água para o despejo de detritos domésticos e industriais, esgoto. Há quem diga que “córrego” é quase um sinônimo de esgoto. Mas eles foram, sim, nomeados no passado. Rio Tietê (São Paulo), Rio Iguaçu (Curitiba), Lagoa de Ipanema (Rio de Janeiro), Ribeirão Jaguaré (São Paulo), Rio Tamanduateí (São Paulo) têm seus nomes fossilizados. Não pertencem a língua portuguesa. Seu significado próprio,

que aponte sua motivação, não é acessível no sistema de significados do português. Revitalizar a língua indígena que falamos, mas que não compreendemos, é revitalizar a nós mesmos.

Conclusão: Há pois um distanciamento no tempo e no espaço presente, ou seja, no respectivo espaço habitado. Uma outra relação com o topônimo poderá despertar o indivíduo para um vivenciamento construtivo, consciente, com o seu entorno. A reelaboração do espaço. A cidadania.

Etnobotânica e horta escolar: costurando cultural

Dentre as correntes pedagógicas que zelam pelos processos de emancipação do ser humano, o despertar pela educação libertadora, passa pela apropriação do indivíduo sobre seu espaço e sua história. A formação de um indivíduo dono de si e sujeito de sua história, deslumbra a possibilidade de um cidadão com capacidade para o diálogo em todos os níveis sociais e um olhar crítico para superar o dilema indivíduo X coletivo, na verdade, um realinhamento dos interesses individuais com os interesses coletivos, a fim de construir, pelo diálogo, uma sociedade mais humana, onde a diversidade de ideias não sejam causa de violência, mas de produção de conhecimento.

De alguma forma compartilhando estas intenções, a teoria da Autopoiese. Esta nasce no bojo da linguística cognitiva, apontando para o fato de que a divergência de condutas dentro de um coletivo, é formada por conta de que cada indivíduo está imerso em diferentes processos de aprendizado, e portanto, estudar os processos de aprendizado é crucial para entender o ser humano e por fim encontrar um caminho para a construção de uma ética.

A autoconsciência tem algo da emancipação que a pedagogia de Paulo Freire antecipava. A capacidade de compreensão do ser humano no seu meio, entender sua realidade e transformá-la para melhor, deve ser retroalimentado pela própria capacidade de compreender os processos de aprendizados reais nos seres humanos.

Se nos estendermos para o olhar das ciências antropológicas podemos reformular uma velha questão: Seria possível, ao olharmos para o outro, aprender algo sobre nós mesmos?

Para tanto, é fundamental lançar à mão, uma diversidade de ferramentas para compreender todas as dimensões do outro: psicologia, etnografia, estruturalismo, semântica, toponímia, etnobotânica, fonologia, arqueologia entre outras. Não podemos contudo perder de vista que o princípio fundamental por qual se dará as

generalizações deve ser simples e acessível a todos, caso contrário o princípio não será universal, senão uma mera idiossincrasia restrita à apenas a um nicho social.

Na verdade se pretendemos de fato alcançar um postulado unificador de toda humanidade, ele deve necessariamente ser construído com todos, e portanto deve ser transdisciplinar. Ao abordar cada problema que nos defrontamos na nossa vida, com todas as disciplinas que dispomos para compreendê-lo, somos induzidos a recriar a linguagem, uma metalinguagem que torne esse conhecimento partilhável entre todas as especialidades.

Ao colocarmos a questão indígena em evidência, e sua importância para a formação cultural das sociedades latino-americanas, como podemos compreender o conhecimento dos povos originários desta terra e como podemos somar este conhecimento ao conhecimento que verte de nossas matrizes africanas e europeias, para criar uma sociedade mais justa, tolerante e sustentável.

Ora, todos os povos que se fazem presentes em nossa cultura, podem contribuir largamente para a compreensão das possibilidades de relações que o ser humano pode ter com seu meio e com si mesmo. Cuidando para não cair num olhar romântico das populações tradicionais, devemos considerar se a compreensão que o autóctone tem do meio ambiente que vive não enriqueceria o debate que se faz hoje em torno do desenvolvimento sustentável.

O modo de produção de todas as necessidades de seu modelo de vida, garantiam uma abundância e uma sustentabilidade, se ao menos não era maior, com certeza muito melhor partilhada.

A floresta que cada vez mais emerge na arqueologia como um ecossistema antrópico, aponta para um fantástico grau de planejamento de longo prazo, operado ao longo dos anos, não por um acordo intertribal, mas por um princípio generalizado, mesmo entre grupos em conflitos, de regenerar a terra e dançar com seus ciclos. Povos que por anos a fio foram tachados de caçadores-coletores, revelam-se hoje exímios agricultores capazes de prever ciclos inter geracionais, a famosa “terra preta de índio” que até hoje constituem estoques de nutrientes e de memória se tornaram preciosos sítios arqueológicos, pomares quilométricos desenhados com precisão na floresta indicam um alto grau de compreensão de seu meio e sua manutenção.

Tentando assim aliar a compreensão que o indígena tem de seu meio ambiente, a urgente necessidade de reconstruir nosso sistema produtivo sobre bases sustentáveis, devemos nos voltar um pouco mais nosso olhar para a etnobotânica e etnogeografia com o fim de experimentar o espaço e o ambiente que habitamos no olhar de outras culturas, para quem sabe, posteriormente, avaliar que relação estabelecemos, enquanto “sociedade moderna”, para com os povos tradicionais que ainda habitam nesta terra.

A toponímia para as Escolas Brasileiras: Alguns pressupostos para a construção de materiais didáticos

Não há nas universidades brasileiras uma preparação específica para se trabalhar a questão. O professor em sala de aula sentirá ao lidar com a temática indígena, esta deficiência em sua formação. Cabe aos centros de pesquisa do país sanar esta problemática. Os currículos de licenciatura devem contemplar a abordagem da temática indígena em diferentes vieses. Práticas didáticas e curriculares que gravitem em torno do assunto contribuirão para as ciências da Educação.

A ausência de materiais didáticos é outra característica negativa. A produção destes livros ou melhor sua ausência, está circunscrita ao posicionamento dos pesquisadores e o “fazer científico”. Objeto da História da Ciência, a produção científica no Brasil encontra-se ditada pela descontextualização de aplicação concreta em meio social amplo. Não é este o objetivo inicial das pesquisas acadêmicas em ciências humanas.

A mudança, porém, desta perspectiva, deve ocorrer também nas escolas públicas. Esta se apresentará como um centro de pesquisa e conhecimento aplicado. A formação cidadã do aluno aplicador dos conhecimentos na comunidade ao redor, o bairro. Desta maneira, o conhecimento desconstruído e construído é internalizado. Nestas condições, os alunos desenvolverão suas capacidades intelectuais por meio dos conteúdos. Além, de “entenderem” os conceitos, aplicarão e desenvolverão outros.

A direção emancipadora ocorre desde o contato com o conhecimento. Este deve ter finalidade. A unidade está em aplicar os conhecimentos em atividades de significado. A alienação nunca despertará as capacidades mentais do sujeito. Esta superioridade está latente no ser. As mudanças qualitativas tão almejadas na personalidade do aluno podem estar na experiência sensorial imediata. Abstrações, generalizações, formações de conceitos são a própria essência da linguagem. Separá-la do concreto é matar o conhecimento científico-teórico, condição para o desenvolvimento mental. O conhecimento científico é uma linguagem específica com gêneros discursivos próprios. Este é o material de ensino diferencial da escola. A ideologia de superioridade do conhecimento científico acabou por promovê-lo a um fim em si. A escola como espaço propício para a aplicação do conhecimento em finalidade sócio-política ressuscitará esta essência do humanismo. A escola brasileira tem que se posicionar como um centro de produção de conhecimento.

A sequência didática que apresentaremos a título de experiência tem como intuito a construção de conhecimentos como prática de um projeto de política linguística para o Brasil. Vamos construir juntos. “*Che robenoi: eju orendive.*”

Uma Temática Indígena: A sequência didática

1. TEMPO PREVISTO: carga horária aproximada 20 horas.

2. FINALIDADE DO MÓDULO

Propiciar aos professores uma reflexão sobre a importância da temática indígena para uma formação cidadã. Desenvolver conjuntamente estratégias para a implementação de práticas didático-curriculares que envolvem conhecimentos multidisciplinares tendo a temática indígena como eixo central.

3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM:

(capacidades a serem desenvolvidas)

Com este módulo, espera-se que os participantes:

- a) adquiram conhecimentos acerca da temática indígena a serem utilizados dentro de um planejamento didático-curricular;
- b) reflitam acerca do papel da temática indígena no processo contínuo da formação do espaço sociocultural da América;
- c) adquiram conhecimento em línguas indígenas, etnologia, etnobotânica e toponímia, com a finalidade de ampliar a percepção e atitudes participativas;
- d) que os participantes possam vislumbrar perspectivas para a aplicação dos conhecimentos, em rupturas de paradigmas.

4. CONTEÚDO DO MÓDULO

- a) Introdução a temática indígena;
- b) História do “Brasil Indígena”;
- c) Tópicos em linguística indígena;
- d) Toponímia do “Brasil Indígena”;

5. MATERIAL NECESSÁRIO

Lousa, giz colorido e apagador;

Rede de Internet;

Retroprojektor;

Papel sulfite, canetas coloridas; cartolinas.

Espaço para disponibilizar textos informatizados;

Mapas e materiais didáticos e paradidáticos.

6. SEQUÊNCIA DAS ATIVIDADES:

SEQUÊNCIA 1. Introdução à Temática Indígena.

Objetivos Gerais:

- a) criar um espaço de reflexão e troca de conhecimentos;
- b) explicitar a existência de parâmetros que determinam o viés da aplicação da temática indígena;
- c) preparar os participantes para assumir uma proposta de construção conjunta;
- d) apresentar o conteúdo a ser ministrado no módulo;
- e) introduzir tópicos para uma temática indígena.

ATIVIDADE 1. Cartografia Inversa para uma história necessária.

Objetivos:

- a) Propiciar um espaço para construção de conhecimentos;
- b) Refletir sobre parâmetros que determinam o viés da aplicação da temática indígena;
- c) Pensar o conceito “Indígena” na geografia mundial;
- e) Expor o pensamento em Antropologia Política com o intuito de quebrar preconceitos;
- f) América do Sul: Famílias linguísticas e diversidade de povos.

Proposta de encaminhamento.

1. Apresentar cartografia propícia para visualização da ocupação da América.
2. Introduzir pressupostos teóricos sobre interpretação nativa e processos ativos de transformação e ressignificação.
3. Expor a diversidade de povos indígenas na América do Sul.
4. Apresentar material para pesquisa em sala de aula.

ATIVIDADE 2. Formação de uma “cultura brasileira”: elementos indígenas no ensino.

Objetivos:

- a) Mostrar como os conteúdos canônicos da escola regular podem ser um espaço para se trabalhar a temática indígena;
- b) Problematicar o conceito de nação, língua e identidade;
- c) Problematicar o conceito de pureza de povos e de línguas;
- d) Significar a temática indígena para a formação e sentido do povo “brasileiro”.

Proposta de encaminhamento:

1. Discutir espaços prováveis para a aplicação da temática indígena na escola com os participantes, de maneira que estes se apresentem e haja troca de conhecimento preliminar.
2. Apresentar vídeo relacionando conflitos à formação da língua portuguesa e da nação portuguesa (galego, leonês, mirandês, etc), bem como da diversidade em torno da língua materna da maioria dos brasileiros: o português brasileiro. A iniciativa visa problematizar a questão de identidade, cultura e língua.
3. Sensibilizar os participantes acerca da presença de elementos indígenas e africanos na formação do povo brasileiro.

ATIVIDADE 3. Povos e Línguas Indígenas na escola.

Objetivos:

- a) Propor uma sequência didática para o Ensino Fundamental;
- b) Trazer elementos do tupi, do nheengatu e do guarani na cultura brasileira.
- c) Demonstrar os elementos indígenas no cânone da literatura brasileira;
- d) Criar espaço propício para a produção de materiais paradidáticos.

Proposta de encaminhamento:

1. Discutir a apropriação de elementos indígenas na literatura brasileira;
2. Apresentar uma sequência didática com temática indígena;
3. Repensar a semana do índio nas escolas regulares;
4. Estabelecer uma abordagem que contemple prática curricular: pesquisa, produção e inserção no entorno e na comunidade.

ATIVIDADE 4. O que é ser Índio hoje no Brasil?

Objetivos:

- a) Refletir o que é ser índio no Brasil atual;
- b) Adquirir conceituação adequada para discutir a questão indígena;
- c) Repensar um outro Brasil possível e em construção;
- d) Aprofundar uma visão de quebra paradigmática.

Proposta de encaminhamento:

1. Expor o assunto “A expansão colonial e os povos indígenas”.
2. Discutir o estatuto e identidade afirmativa indígena.
3. Apresentar o conceito de índios emergentes.
4. Apresentar e comentar a bibliografia etnográfica.
5. Discutir os conceitos de etnocídio, etnogênese e etnômio.
6. Discutir o texto: “Cidades Indígenas ou Aldeias Urbanas”.
7. Assistir o vídeo Maori “Whale Rider”.- “A encantadora de baleias”

SEQUÊNCIA 2. Toponímia e Língua Tupi: Espaço, memória e sociedade.

ATIVIDADE 1. Espaço, nome e sociedade: a importância, o conceito e a prática do estudo de toponímia.

Objetivos:

- a) Apresentar a importância do estudo do nome (com foco no espaço).
- b) Apresentar o conceito de Onomástica e seus ramos; Toponímia, Antroponímia, Fitonímia, Zoonímia.
- c) Introduzir e aprofundar o conceito de Toponímia.
- d) Refletir sobre a importância do resgate da memória do nome de lugar.

Proposta de encaminhamento.

1. Fazer reflexões sobre o ato do ser humano, nomear as coisas do mundo e sobre a importância deste estudo.
2. Expor o conceito de Onomástica e as definições de Fitonímia, Zoonímia, Antroponímia, Toponímia, citando alguns exemplos em tupi.
3. Aprofundar o conceito de Toponímia (alguns conceitos) e sua importância para a identidade do indivíduo (retomando o item a).
5. Exemplificar que o indivíduo pode se construir através do meio.
6. Introduzir os conceitos de “apropriação do espaço” e “memória do espaço.”
7. Citar exemplos práticos.

ATIVIDADE 2. Vamos reaprender Tupi?

Objetivos:

- a) Proporcionar aos participantes conhecimentos de uma língua indígena.
- b) Conhecer a língua falada no Brasil nos primeiros séculos.
- c) Adquirir base lexical para reviver seu significado dentro da língua portuguesa do Brasil.
- d) Apresentar a gramática da família linguística tupi-guarani.
- e) Introdução a etnolinguística.

Proposta de encaminhamento.

1. Contextualizar a importância da Língua Tupi para a compreensão do Brasil.
2. Ensino de língua: chave de pronúncia e notas sobre grafia em línguas indígenas.
3. Ensino de língua: pronomes pessoais, morfologia da marca de pessoa e verbos.
4. A posposição em tupi.
5. Adjetivos, demonstrativos e advérbios interrogativos.
6. Apresentar tópicos em Etnolinguística.
7. Visualizar vídeos.

ATIVIDADE 3. O Tupi em nossa Toponímia.

Objetivos:

- a) Continuar o ensino-aprendizagem de língua tupi.
- b) Refletir o topônimo como texto de acesso a conhecimentos etnobotânicos.
- c) Apresentar sufixos que estão na base léxico-toponímica da geografia do Brasil.
- d) Acessar o sentido do topônimo de base indígena.
- e) Experimentar, via topônimo, um outro espaço possível.

Proposta de encaminhamento:

1. Dar continuidade ao ensino de tupi.
2. Refletir o topônimo como epistemologia e ciência indígena.
3. Expor a base lexical tupi para entendimento da geografia do Brasil.
4. Acessar topônimos brasileiros e experimentar um outro espaço.

ATIVIDADE 4. Práticas com toponímia na escola.

Objetivos:

- a) Ilustrar a formação toponímica da cidade de São Paulo e arredores bem como suas implicações.
- b) Reforçar a importância da toponímia indígena para o resgate da memória do espaço e da identidade do indivíduo.
- c) Propor uma breve atividade de pesquisa de campo.
- d) Oferecer alguns materiais e subsídios para pesquisa.

Proposta de encaminhamento.

- 1. Expor o documentário “Entre Rios.”
- 2. Sondar as impressões sobre o filme de maneira a ressaltar determinados aspectos.
- 3. Salientar a interdisciplinaridade da toponímia.
- 4. Apresentar no retroprojeto mapas de acordo com o município de localização da escola.
- 5. Expor brevemente a problemática da formação espacial do Brasil, no que se refere precisamente a motivação da formação de certas regiões.
- 6. Desmistificar o pensamento unilateral da construção do espaço brasileiro como unilateral.
- 7. Introduzir a pesquisa toponímica.

ATIVIDADE 5. Vamos criar nossos materiais didáticos?

Objetivos:

- a) Apropriação da realidade local para compreensão da importância do meio social nos processos de alfabetização, educomunicação e transmissão de conhecimento.
- b) Conhecer um panorama da produção de materiais didáticos ligados a temática indígena.
- c) Apropriar-se dos conceitos de alfabetização, letramento, bilinguismo, diglossia e alfabetização ecológica.
- d) Construção participativa de materiais didáticos.
- e) Utilização das Artes-plásticas para a produção participativa de materiais didáticos.

Proposta de encaminhamento:

1. Propor uma atividade de pesquisa de campo.
2. Oferecer alguns materiais e subsídios que podem auxiliar na pesquisa do item acima.
3. Oficina prática de feitura de material para uso didático.

ATIVIDADE 6. Vamos criar nossos materiais didáticos?**Objetivos:**

- a) Apropriação da realidade local para compreensão da importância do meio social nos processos de alfabetização, educomunicação e transmissão de conhecimento.
- b) Conhecer um panorama da produção de materiais didáticos ligados a temática indígena.
- c) Apropriar-se dos conceitos de alfabetização, letramento, bilinguismo, diglossia e alfabetização ecológica.
- d) Construção participativa de materiais didáticos.
- e) Utilização das Artes-plásticas para a produção participativa de materiais didáticos.

Proposta de encaminhamento:

1. Expor no retroprojeto mapas com destaque para a Toponímia de base indígena e propor uma atividade de pesquisa de campo.
2. Oferecer alguns materiais e subsídios que podem auxiliar na pesquisa do item acima.
3. Oficina prática de diagramação de cartilhas e jogos para uso didático.

SEQUÊNCIA 3. Etnobotânica: a revitalização do homem.**ATIVIDADE 1. Para uma teoria: Etnobotânica e Educação Ambiental.****Objetivos:**

- a) Continuar o ensino-aprendizagem de língua tupi.
- b) Refletir sobre os sistemas de nomeação da geografia, formações vegetais e etnobotânica.
- c) Mapear a teia da vida que subjaz dos nomes dos seres vivos que conectam a teia da vida.
- d) Entender como o ser humano pode operar em harmonia com esta teia e produzir sem agredir o meio ambiente.
- e) Comparar a noção de sustentabilidade atual com práticas milenares de culturas indígenas.

Proposta de encaminhamento:

1. Dar continuação ao ensino de Tupi.
2. Apresentar nomes indígenas de plantas e animais na perspectiva de índices, ícones e símbolos.
3. Apropriar os professores da metodologia participativa de levantamento etnobotânica.
4. Resgatar nomes indígenas de plantas encontradas em Osasco.
5. Desenhar uma cadeia ecológica a partir das plantas encontradas na cidade de Osasco ligando topônimos e fitônimos indígenas.

ATIVIDADE 2. Horta nas escolas e Sustentabilidade

Objetivos:

- a) Ampliar a visão do princípio da terra na criação humana de várias culturas humanas.
- b) Compreensão indígena do funcionamento da terra, da floresta e da roça.
- c) Coivara e florestas antropomórficas, a sofisticada agricultura indígena.
- d) Estratégia de ensino interdisciplinar via horta escolar e práticas sustentáveis.
- e) Oferecer práticas de plantio com crianças.

Proposta de encaminhamento:

1. Praticar um pouco do tupi aprendido no curso.
2. Explanar os princípios da Educação Ambiental e seus paralelos, o modo de vida indígena.
3. Apresentar pesquisas e relatos sobre o manejo sustentável feito pelos indígenas na produção de alimento.
4. Apresentar os princípios da alfabetização-ecológica.
5. Caso haja disponibilidade, oficina de horta-escolar.

SEQUÊNCIA 4. Vamos construir uma Sequência didática para nossa escola?

ATIVIDADE 1. Para fazer nossos livros

Objetivos:

- a) Após sensibilização, criar nossas sequências didáticas.
- b) Discutir e trocar experiências e ideias.
- c) Preparar sequências didáticas para aplicação nas escolas e para outros professores.
- d) Construir um livro.

Proposta de encaminhamento:

1. Pesquisar os materiais.
2. Esboçar uma sequência de atividades.
3. Escrevê-la segundo alguns modelos possíveis.
4. Apresentá-la ao grupo.
5. Testá-la.
6. Construir um livro didático coletivo.

7. ATIVIDADE FINAL DO MÓDULO

Objetivo:

- a) retrospectiva;
- b) apontamentos;
- c) reflexões e críticas.

Proposta de Encaminhamentos

- n) encerramento.

Palavras Finais.

Esperamos que os professores gostem da proposta. Iremos aprender juntos. É uma construção do “agora” de uma política linguística e cultural para o Brasil. Para as nossas crianças e para nossos avós. Para o nosso viver são gastas as nossas energias. Fazendo de boa vontade as coisas irão bem. Essa é nossa parte e compromisso.

Referências bibliográficas

- CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo, SP: Cultrix, 1997.
- CARVALHINHOS. Patricia de Jesus. (2003). Aplicação da Teoria dos Signos na Onomástica. In: *Língua e Literatura* n.27. São Paulo.
- CASSIRER. Ernest. Uma chave para a natureza do homem: o símbolo. IN: *Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A Inconstância da alma selvagem*. São Paulo. Cosac Naify. 2002.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da Violência*. São Paulo: Cosac Naify. 2004 [1980]
- DICK. M.V.P.A. (1990) *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo, Serviço de Arte Gráfica da FFLCH.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: HUCITEC,

1996.

FRANCO, Isabel. *Agenda 21 e Educação Ambiental para a Sustentabilidade: da teoria á prática*. Embu das Artes, SP: Sociedade Ecológica Amigos de Embu, 2006

MERLEAU-PONTY, Maurice (2012) O Fantasma de uma Linguagem Pura. IN: *A prosa do Mundo*. São Paulo: COSACNAIFY.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psy II, 1995

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método Moderno de Tupi Antigo*. São Paulo. Editora Global, 2012.

_____. *Dicionário Tupi Antigo - A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo. Editora Global, 2013

RAMOS, Alcida Rita. *Constituições Nacionais e Povos Indígenas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas*. Rio de Janeiro: Zahar, [1981] 2008.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp. 2002.

SAUSSURE. Ferdinand. (1969) Natureza do Signo Linguístico. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: CUTRIX.

SILVA, Aracy lopes da. & GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. (orgs.) *A Temática Indígena na Escola*. São Paulo. Editora Global; MEC; MARI; UNESCO, 2004.